

DO MUSEU PARA A ACADEMIA: A TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE LOUREIRO FERNANDES E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA ANTROPOLOGIA NO PARANÁ

Maria Fernanda Campelo Maranhão*

Neste ano de 2003 em que homenageamos o Centenário de Nascimento do Professor José Loureiro Fernandes, comemorou-se também os cinquenta anos da Primeira Reunião Brasileira de Antropologia. Em cerimônia realizada no Museu Nacional, no Rio de Janeiro, foram lembrados dos primeiros antropólogos os quais reuniram-se naquela instituição em 1953, representando os diversos estados brasileiros. Ao lado de Herbert Baldus, Thales de Azevedo, Egon Schaden, Darcy Ribeiro, Luiz de Castro Faria, Édison Carneiro, José Loureiro Fernandes apresentou um balanço da antropologia que se fazia no Paraná no artigo *Possibilidades de pesquisa e de exercício de atividades técnico-profissionais* (FURTADO, 1999, p. 53) (Fig.1).

A cerimônia dos cinquenta anos das reuniões da Associação Brasileira de Antropologia - ABA, e o Protocolo para o Concurso de Monografia sobre História da Antropologia Brasileira, reflete o interesse cada vez maior dos antropólogos em estudar a história da disciplina e as especificidades da constituição do campo antropológico no Brasil. Dentro deste enfoque, diversos autores têm refletido sobre a história da antropologia brasileira considerando dois períodos distintos: o período pioneiro ou ideológico e o período científico. O período pioneiro, geralmente situado entre o século XIX até o final da década de 1930, caracteriza-se entre outros aspectos pelas pesquisas antropológicas desenvolvidas nos primeiros museus brasileiros. Por outro lado, o período científico refere-se à criação das primeiras Faculdades de Filosofia e o processo de institucionalização da disciplina.

No Paraná muito pouco tem sido produzido sobre as características locais, socio-econômicas e culturais da constituição do campo antropológico e sua institucionalização. O Museu Paranaense, por intermédio de seu Departamento de Antropologia, tem desenvolvido

* Mestre em Antropologia Social pela UFPR e Chefe do Departamento de Antropologia do Museu Paranaense, órgão da Secretaria de Cultura do Estado do Paraná.

Prossegue a I Reunião Brasileira de Antropologia

Amplios debates dos relatórios apresentados na — sessão de ontem —

Prosseguem os trabalhos da I Reunião Brasileira de Antropologia. Na sessão de ontem, no Museu Nacional, o professor Renato Locchi leu seu relatório sobre anatomia racial, tendo o professor A. Rubbo Muller feito um resumo de sua exposição sobre problemas do ensino.

A seguir, foram lidos os relatórios sobre o tema «Possibilidades de pesquisas e de exercício profissional do antropólogo», a cargo dos seguintes relatores: professora Heloisa Alberto Torres, diretora do Museu Nacional, que se referiu, em particular, aos trabalhos desta instituição; professor Mário Wagner da Cunha, do Instituto de Administração da Universidade de São Paulo; o professor Loureiro Fernandes, da Universidade do Paraná.

Os relatórios lidos foram amplamente debatidos.

A segunda parte da sessão foi dedicada ao estudo do negro. Os relatórios estiveram a cargo dos professores Edison Carneiro, José Honório Rodrigues e Roger Bastide, sendo o deste último lido pela professora Heloisa A. Torres, em virtude de sua ausência. Vários congressistas debateram as exposições feitas, apreciando aspectos expostos pelos relatores.

Funcionamento de geradores de Forcacava

O ministro da Agricultura, baixou portaria alterando as datas anteriormente estabelecidas na portaria 780, de 18 de julho do ano em curso, para o funcionamento dos grupos geradores da usina subterrânea de Forcacava n. 1, que a Companhia de Carris, Luz e Força do Rio de Janeiro foi autorizada a construir.

De acordo com o novo ato ministerial, o grupo 14 deverá ficar concluído em 30 de dezembro deste ano; o grupo 15, em 28 de fevereiro de 1954; o 13, em 30 de abril de 1954; e o 16, em 30 de maio do mesmo ano.

Criação do IAP dos Trabalhadores

Figura 1. Matéria veiculada por jornal do Rio de Janeiro, em 1953 (Acesso: *Círculo de Estudos Bandeirantes*).

desde janeiro de 2003 o projeto *História da Antropologia Paranaense*, com o objetivo de refletir sobre o papel fundamental do professor José Loureiro Fernandes¹ neste processo.

¹ José Loureiro Ascensão Fernandes nasceu em Lisboa, em 1903. Formou-se em Medicina pela Faculdade Nacional do RJ, em 1927. Especializou-se nas áreas de Urologia, Arqueologia e Antropologia na Universidade de Paris, na década de 1950. Exerceu atividades como médico, político, cientista social e professor universitário. Foi eleito vereador por Curitiba em 1948 e nomeado secretário de Educação e Cultura do Estado do Paraná no mesmo ano. Nessa pasta, criou a Divisão do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do Paraná, dedicando-se ao tombamento e preservação de sítios arqueológicos e do patrimônio histórico do Estado. Foi diretor do Museu Paranaense

O período estudado situa-se entre as décadas de 1930 a 1960, e tem como eixo central a trajetória intelectual do antropólogo José Loureiro Fernandes e sua atuação em duas instituições fundamentais para a história da antropologia no nosso estado: o Museu Paranaense e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da Universidade do Paraná. Desta forma à partir da análise da documentação manuscrita e impressa pertencente ao acervo destas instituições e do Círculo de Estudos Bandeirantes, apresentamos neste artigo algumas reflexões preliminares.

OS MUSEUS E AS UNIVERSIDADES: POR UMA HISTÓRIA DA ANTROPOLOGIA BRASILEIRA

A preocupação com o resgate da História da Antropologia Brasileira tem sido uma constante nos últimos cinquenta anos. Autores como Herbert Baldus (1954), Florestan Fernandes (1975) e Castro Faria (1998), entre outros, procuraram resgatar a história da disciplina através de biografias, relatos bibliográficos, tendências teóricas, e instituições de pesquisa, como os museus e as universidades.

Novas abordagens, como as de Mariza Peirano (1981; 1992), Mariza Corrêa (1988; 2001), Fernanda Peixoto (2001) e Lilia Schwarcz (1993; 2001) constituem estudos de interface entre a Antropologia, a História e a Sociologia. Essas evidenciam a produção antropológica, os antropólogos e suas instituições como objeto de estudo. Trata-se de um esforço de auto-reflexão dos antropólogos sobre sua própria disciplina. A alteridade fundamental na pesquisa antropológica passa a ser mínima. Isso não implica ausência de alteridade, mas, sim, um deslocamento que se traduz em “diferenças culturais, sociais, econômicas, políticas, religiosas e até territoriais” (cf. PEIRANO, 1999, p. 226).

(1936-43 e 1945-46) e chefe da Seção de Antropologia e Etnografia, onde iniciou pesquisas científicas nas áreas de Antropologia e Arqueologia. Em 1938, foi um dos fundadores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da Universidade do Paraná. Ministrou aulas de Antropologia, Etnografia Geral e do Brasil na FFCL e, posteriormente, também na Universidade Católica do Paraná (atual PUC). Na FFCL da UFPR, foi diretor e responsável pelo projeto de criação e instalação do Instituto de Pesquisas (1950), do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas (1956), do Departamento de Antropologia (1958) e do Museu de Arqueologia e Artes Populares (1963). Foi membro de diversas instituições culturais, como o Círculo de Estudos Bandeirantes (PUC-PR), Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense e Academia Paranaense de Letras. Faleceu em Curitiba, em 1977.

Esta preocupação não se encontra somente na antropologia brasileira, nos EUA pode-se citar, a coleção *History of Anthropology* dirigida por George Stocking. Na sua introdução (1983, p. 6-7), ele ressalta que:

It should be emphasized that we are not proposing a division in which anthropology provides subject matter and history methodological orientation. In this respect the history of anthropology differs significantly from that of certain other inquiries. For the historian of physics, the methods and concepts of that discipline do perhaps have relevance only as subject matter. For the historian of anthropology, they are not only the object of inquiry, but may provide also a means by which it is pursued. As Hallowell argued several decades ago, the history of anthropology should be approached as "an anthropological problem" (Hallowell, 1965).

No caso brasileiro, a história da disciplina tem sido pensada por alguns autores, considerando a década de 1930 como uma linha divisória entre uma fase ideológica e uma fase científica das ciências sociais no Brasil (PEIRANO, 1981).

A fase ideológica compreenderia um período pioneiro, marcado pelos relatórios de viajantes e cronistas, expedições exploratórias, relatórios de missionários e funcionários do governo. Nessa fase, também se destacam as pesquisas antropológicas desenvolvidas nos primeiros museus brasileiros, fundados no século XIX: Museu Nacional, Museu Paraense Emílio Goeldi, Museu Paranaense² e Museu Paulista.

Autores como Lima (1989), Schwarcz (1993, 2001), Abreu (1996) e Miceli (2001), têm discutido o caráter ideológico assim como a importância do estudo dessas instituições e de suas coleções, para a compreensão da produção intelectual no Brasil. Para Miceli (2001, p.13):

[...] a pesquisa sobre os museus permite uma espécie de arqueologia da vida intelectual e científica no país, evidenciando as condições políticas desse gênero de empreendimento ilustrado, os horizontes e conteúdos doutrinários que essas instituições buscaram encampar e os padrões de dependência acadêmica com institutos e tradições congêneres nos países europeus.

² O Museu Paranaense foi fundado em 1876, sendo o terceiro museu mais antigo do Brasil.

Os museus brasileiros do século XIX também podem ser pensados a partir de um contexto de construção da identidade nacional. Peirano (1981), em *The Anthropology of Anthropology: The Brazilian Case*, discute a relação entre a teoria antropológica e o contexto social no qual ela se desenvolve. Partindo da ideologia de construção dos estados nacionais (*nation building*), a autora analisa a forma particular com que a antropologia se desenvolveu no Brasil. Defende que para o caso brasileiro as trajetórias intelectuais, teorias e os temas específicos abordados pela antropologia no país estão diretamente relacionados ao comprometimento dos cientistas sociais com ideologias e projetos nacionais.

No Brasil, o comprometimento da intelectualidade com um projeto de construção da nação brasileira inicia-se com a independência da colônia. As teorias deterministas baseadas no darwinismo social e no evolucionismo, recém-chegadas da Europa, apontavam para o fracasso da nação, devido ao caráter deletério da mistura de raças. Schwarcz (1993) faz uma análise dos cientistas e das instituições brasileiras do final do império e início da república relacionada à questão racial. A temática racial estava presente nos museus nacionais, nos institutos históricos e geográficos, nas faculdades de direito e de medicina e constituía um argumento científico para a construção de um projeto de nação. Sob essa perspectiva evolucionista, os museus nacionais foram instituições pioneiras da pesquisa no país, desenvolvendo estudos, no século XIX, nas áreas de história natural (zoologia, botânica, paleontologia, geologia) e antropologia (antropologia física, arqueologia, lingüística e etnologia) (SCHWARCZ, 1993; 2001).

O apogeu dos museus nacionais ocorre a partir de 1880, com a contratação de profissionais especializados e pela atuação de diretores com grande prestígio científico e político, como Lacerda Netto e Batista Lacerda, no Museu Nacional; Herman Von Ihering, no Museu Paulista, e Emílio Goeldi, no Museu Paraense, que garantem as atividades dessas instituições. É nesse período que os museus organizam seus acervos a partir de critérios científicos, seguindo modelos classificatórios internacionais. Revistas especializadas são criadas para divulgar os resultados das pesquisas, tais como: *Archivos do Museu Nacional* (1876), *Revista do Museu Paulista* (1895) e *Boletim do Museu Paraense* (1894) (SCHWARCZ, 1993).

A partir da década de 1920, os museus nacionais entram em um processo de decadência. A década de 1930, em todo o mundo, é marcada pela crítica ao modelo evolucionista e pelo fim da era dos museus etnográficos. No Brasil, a decadência dos museus nacionais coincide com o surgimento das universidades brasileiras e a transferência dos recursos financeiros, dos pesquisadores e da pesquisa

científica para essas instituições.

Esta fase denominada científica refere-se à institucionalização da antropologia brasileira e caracteriza-se pelo surgimento da Escola de Sociologia e Política de São Paulo (1933), da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP (1934), da Universidade do Distrito Federal (1936) e da Faculdade Nacional de Filosofia no Rio de Janeiro (1939) (PEIXOTO, 2001).

Para Florestan Fernandes (1975, p. 121):

A institucionalização da investigação científica e a especialização são variáveis muito importantes, nesse condicionamento, porque organizam a pesquisa científica de modo a garantir econômica, cultural e socialmente o grau de autonomia moral indispensável à realização das atividades positivas de investigação e à divulgação dos resultados descobertos. Dessa maneira, a própria ciência dá origem a mecanismos organizatórios capazes de reagir, dentro de certos limites, às pressões das ideologias, dos controles e dos valores sociais, que possam colidir ou prejudicar frontalmente a própria natureza da investigação científica.

Com a fundação das faculdades, foram criadas as primeiras disciplinas de antropologia e contratados professores estrangeiros, como os franceses Lévi-Strauss (1935-1938) e Roger Bastide (1938-1953); Donald Pierson, da Universidade de Chicago, e os alemães Herbert Baldus, Emílio Willems e Egon Schaden. Também a década de 1930, foi marcada pela vinda de missões americanas, em um intercâmbio com Franz Boas e Ruth Benedict, da Columbia University, com o Museu Nacional, promovendo o treinamento de antropólogos brasileiros em pesquisas de campo (PEIXOTO, 2001).

O Paraná não ficou fora desse processo de institucionalização da antropologia. Com a fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná (1938), Loureiro Fernandes iniciou suas atividades acadêmicas ministrando as disciplinas de Etnografia e Noções de Tupi-guarani e trazendo professores franceses e americanos para ministrar cursos na instituição.

HISTÓRIA DA ANTROPOLOGIA NO PARANÁ: DO MUSEU PARANAENSE PARA A UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Apesar de se privilegiar neste artigo o período compreendido

entre as décadas de 1930 e 1960, é necessário contextualizar o Museu Paranaense, a mais antiga instituição cultural do Paraná, fundada no final do século XIX. Em uma análise preliminar da sua trajetória e da sua importância na pesquisa e na construção da identidade do homem paranaense, suas atividades podem ser divididas em três fases distintas.

A primeira fase inicia-se em 1876, com a fundação e implantação do museu. A idéia de se criar um museu decorreu da necessidade de se guardarem os produtos devolvidos das Exposições Nacionais e Internacionais realizadas no Rio de Janeiro, na Europa e Estados Unidos, desde 1851, das quais o Brasil e suas províncias participavam com produtos agrícolas e industriais. Assim como os primeiros museus brasileiros do século XIX, o Museu Paranaense seguiu o modelo europeu dos museus de história natural e gabinetes de curiosidades, marcado pela perspectiva evolucionista, pelo colecionismo e coleta assistemática de acervo.

Nessa primeira fase de atividades do Museu Paranaense, destacam-se a visita de dom Pedro II com sua comitiva, em 1880, e a participação da instituição na Exposição Antropológica Brasileira realizada no Museu Nacional, em 1882. Para essa exposição, foi publicado um catálogo dos objetos remetidos e anexos com trabalhos lingüísticos e etnográficos de Telêmaco Borba e frei Luiz de Cemitille.³

Em 1900, foi publicado o primeiro Guia do Museu Paranaense (LEÃO, 1900), o qual descreve separadamente o acervo de arqueologia e etnografia, a pinacoteca, a numismática, as seções de mineralogia, de história natural e de história pátria. Uma leitura antropológica do guia e do acervo etnográfico revela os objetos expostos como verdadeiros “troféus de guerra”, obtidos nos embates com os índios kaingáng no interior da província. O confinamento dos índios em aldeamentos próximos a colônias militares facilitou a apropriação desses objetos.

A segunda fase do Museu Paranaense data do começo do século XX, entre 1902 e 1928, sob a direção do historiador e político Romário Martins.⁴ À frente do Museu Paranaense, ele tenta imprimir

³ Telêmaco Borba foi diretor do Aldeamento Indígena de São Jerônimo, na região norte da Província do Paraná, no século XIX. Frei Luiz de Cemitille, da Ordem dos Capuchinhos, também desenvolveu suas atividades religiosas nesse aldeamento. Ambos escreveram suas observações sobre os índios Kaingáng ali aldeados.

⁴ Alfredo Romário Martins (1874-1948), autodidata, foi considerado iniciador da História do Paraná; fundou diversas instituições irradiadoras do pensamento e do ideal político que sustentavam as ações governamentais. Concebeu os principais símbolos do Estado: a bandeira e o brasão (KERSTEN, 1998, p. 111).

cientificidade às atividades da instituição. Criou a Seção Antropológica, manteve as de Mineralogia, Numismática e de Curiosidades, aumentou a Zoológica. O período é marcado pelo estudo e sistematização das coleções do acervo. Em junho de 1904, editou o primeiro número do *Boletim do Museu Paranaense*, onde revela seu interesse em ampliar o acervo etnológico (MARTINS, 1904, p. 4).

Nas colleções de anthropologia e ethnologia concentro agora toda a minha atenção, no sentido de impulsional-as como convém e dar-lhes um outro relevo capaz de fazer sobre ellas girar o maior interesse do publico e dos estudiosos Bem melhor poderia ser representada no Museu Paranaense a secção que recolhe os exemplares, já bem raros, por onde o futuro hade aferir da capacidade e das qualidades dos nossos indígenas.

Em 1905, foi inaugurada a Galeria Ethnográfica no museu. Ali eram expostas fotografias de índios kaingáng e guarani, que visitavam Curitiba e se hospedavam no Museu Paranaense. Em 1924, a coleção de etnografia do Museu Paranaense foi ampliada com a entrega do acervo doado por Telêmaco Borba ao Estado do Paraná. Com a exposição de seu acervo, o Museu Paranaense pretendeu cumprir nesse período seu papel de divulgador de idéias paranistas⁵ sobre a identidade do homem paranaense e a ocupação do seu território.

Romário Martins, a principal liderança do movimento paranista, tem sido considerado⁶ um inventor de tradições (cf. HOBBSAWN, 1984). Autodidata, publicou diversas obras sobre a história e as lendas indígenas do Paraná, nas quais procurou construir o mito de origem do povo paranaense em torno da figura do índio.⁷ Ele e um grupo de políticos e intelectuais, entre os quais, Loureiro Fernandes, fundaram nesse

⁵ O movimento paranista surgiu no Paraná inserido em um contexto histórico nacional denominado I República, marcado pelo positivismo, cientificismo, e a preocupação com a construção de identidades regionais. Tratava-se de um movimento ufanista que reunia políticos, artistas, literatos e intelectuais locais, com o objetivo de construir uma identidade regional no Paraná, criando na população local um sentimento de pertencimento a terra (PEREIRA, 1996, p. 9).

⁶ Ver SVARÇA, Décio. **Romário Martins: o forjador, ruínas de um mito.** Curitiba: Aos Quatro Ventos. 1998.

⁷ Romário Martins, assim como os demais intelectuais paranistas, elaboraram um discurso histórico regional, historicista e positivista, produzindo os primeiros heróis do Estado. A literatura baseava-se no resgate e apropriação de mitos indígenas, enfatizando a partir do homem nativo e da natureza, a origem da sociedade paranaense (PEREIRA, 1996, p. 9). Sobre lendas indígenas paranaenses, destaca-se, entre outras obras de Romário Martins *Paiquerê: mitos e lendas, visões e aspectos* (1940).

período instituições como o Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Paraná, o Círculo de Estudos Bandeirantes, o Centro Paranista e a Universidade do Paraná, com o propósito de tornar o Estado visível intelectualmente para o país (KERSTEN, 2000).

Seu sucessor na direção do Museu Paranaense, o médico José Loureiro Fernandes, deu início à pesquisa científica na instituição, contrapondo-se à visão mítica de Romário Martins sobre a identidade do homem paranaense. Com suas pesquisas nas áreas de Antropologia Física, Antropologia e Arqueologia, Loureiro Fernandes adotou uma perspectiva científica, ligada a uma discussão nacional mais ampla sobre o processo de substituição do intelectual literário e polivalente pelo cientista especializado.

Nomeado diretor do Museu Paranaense em 1936, pelo então governador Manoel Ribas, Loureiro Fernandes apresentou seu plano de organização para a instituição, baseado no trabalho de uma **“equipe de homens de ciência”**. Por decreto governamental foi criado um Conselho Administrativo formado pelos diretores das Secções de História, Botânica, Geologia, Paleontologia, Zoologia, Antropologia e Etnografia (FERNANDES; NUNES, 1956, p.13). Juntamente com a equipe de pesquisadores contratados, deu início à estruturação da instituição, com o objetivo de transformar o Museu Paranaense em um centro de produção científica. Dessa forma, organizou uma biblioteca especializada nas áreas de conhecimento das secções, através de intercâmbios realizados com instituições congêneres brasileiras. Retomou as publicações da instituição com uma revista intitulada *Arquivos do Museu Paranaense*, alimentada com artigos produzidos pelos chefes das secções especializadas. Na área de Antropologia, destacam-se os artigos de Mansur Guérios,⁸ Aryon Rodrigues⁹ e do próprio Loureiro Fernandes,¹⁰ além dos pesquisadores convidados, como Herbert Baldus,¹¹ Wanda Hanke.¹²

⁸ Estudos sobre a língua Caingangue. Dialeto de Palmas. **Arquivos do Museu Paranaense**, v. 2. Curitiba. 1942.

O Xocrén é idioma Caingangue. **Arquivos do Museu Paranaense**, v. 3. Curitiba. 1943. Neste volume também publicou estudos sobre a língua Camacã.

⁹ Diferenças fonéticas entre o tupi e o guarani. **Arquivos do Museu Paranaense**, v. 3. Curitiba. 1943.

¹⁰ Os Caingangues de Palmas. **Arquivos do Museu Paranaense**, v. 1. Curitiba. 1941.

¹¹ Vocabulário zoológico Kaingáng. **Arquivos do Museu Paranaense**, v. 6. Curitiba. 1946.

¹² Ensayo de una gramática del idioma caingangue, de los Caingangues de la Serra de Apucarana. Também publicou nos **Arquivos do Museu Paranaense** artigos sobre os índios Cadivéns, Terenos e Sirionó (1942), Botocudos (1946) e Guarayos (1950).

No início da década de 1940, Loureiro Fernandes encaminhou ao governo do estado um projeto de uma nova sede para a instituição, mais condizente com as **“funções que o Museu deve exercer na formação cultural das futuras gerações paranaenses”**; ou seja, **“a defesa do patrimônio histórico e artístico, incremento das pesquisas regionais, educação popular nos domínios das ciências históricas e naturais, e a instituição face ao ensino universitário”** (FERNANDES; NUNES, 1956, p. 15).

Até 1948, o grupo de cientistas que constituiu o Conselho do Museu Paranaense desenvolveu inúmeras pesquisas, conjugando-as com as cátedras especializadas da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Paraná. Transformaram, assim, **“um museu velho e sem viço, simples arquivo de objetos diversos que não eram resultado de pesquisa científica, nem a provocavam, em uma eficiente instituição científica”** (FERNANDES; NUNES, 1956, p. 16). Pouco a pouco, as atividades de pesquisa foram transferidas para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná.

A FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PARANÁ

A institucionalização da Antropologia no Paraná inicia-se em 1938, com a fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná.¹³ José Loureiro Fernandes, um dos seus fundadores, ministrou,¹⁴ no primeiro ano, as cadeiras de Etnografia e Noções de Tupi-Guarani, substituída no ano seguinte pela cadeira de Antropologia, Etnografia Geral e Etnografia do Brasil. Exercendo, ao mesmo tempo, a função de diretor do Museu Paranaense, desenvolveu trabalhos de pesquisa em parceria entre as duas instituições (Fig. 2).

Em 1950, cria-se o Instituto de Pesquisas da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da UFPR. Como primeiro diretor desse Instituto, José Loureiro Fernandes começa suas atividades tendo como

¹³ Anterior à fundação da FFCL do Paraná, funcionava no Círculo de Estudos Bandeirantes um curso de Filosofia, o qual reunia intelectuais católicos da sociedade local. A iniciativa de se criar a FFCL surgiu desse grupo, do qual Loureiro Fernandes também fazia parte.

¹⁴ Sobre os primeiros professores de Antropologia, improvisados com a criação das faculdades de filosofia e recrutados a maioria entre a classe médica, ver Azevedo (1984).

objetivo inicial o desenvolvimento de pesquisas científicas no litoral do estado, para coleta de material zoológico, botânico e etnográfico. Era meta do instituto, também, o aperfeiçoamento dos docentes no exterior, com a ajuda de bolsas de estudo. Ele próprio, preocupado com sua formação na área de Antropologia, freqüentou cursos de aperfeiçoamento em antropologia no Museu do Homem em Paris. Além disso, organizou na FFCL cursos de extensão universitária, com especialistas nacionais e estrangeiros.

À frente do Instituto de Pesquisas e, mais tarde, do Departamento de Antropologia da FFCL, José Loureiro Fernandes desenvolveu estudos sobre as populações litorâneas do Paraná, de praia de Leste e de Guaratuba, dedicou-se a pesquisas de campo entre os índios Xetá,¹⁵ no noroeste paranaense, e entre os Kaingang¹⁶ (Figs. 3 e 4) de Palmas (PR) e de Xapecó (SC). Também se interessou em estudar “processos de aculturação” e “sobrevivências culturais” entre descendentes de africanos¹⁷ e de imigrantes portugueses.¹⁸

Grande parte de suas pesquisas foi registrada em filmes 16mm e em fotografias por Vladimír Kozák, engenheiro, fotógrafo e cineasta

¹⁵ FERNANDES, José Loureiro. Os índios da Serra dos Dourados: os Xetá. In: **Anais da 3ª Reunião Brasileira de Antropologia**: Recife. p. 27-46. 1959.

The Xetá : a dying people in Brazil. Separata de: **Bulletin of the international Committee on Urgent Anthropological and Ethnological Research**, n. 2, p. 22-26. 1959.

Les Xetá et les palmiers de la forêt de Dourados: contribution à l'ethnobotanique du Paraná. Separata de: **Congress International des Sciences Anthropologiques et Ethnologiques** (11: Paris: 1960). Actes. Paris. 1960.

Le peuplement du nord-ouest du Paraná et les indiens de la Serra de Dourados”. Separata de: **Boletim Paranaense de Geografia**. Curitiba, n. 2/3, p. 80-91. 1961.

Os índios da Serra dos Dourados: estado atual das pesquisas. Separata de : **Bulletin of the International Committee on Urgent Anthropological and Ethnological Research**, n. 5, p. 151-154. 1962.

¹⁶ FERNANDES, Loureiro José. Notas hemato-antropológicas sobre os Caingangues de Palmas. **Revista Médica do Paraná**, Curitiba, 8 (1/2). 1939.

Os Caingangues de Palmas. **Arquivos do Museu Paranaense**. Curitiba, v. 1, p. 161-209, 1941.

Contribuição à antropometria e à hematologia dos Kaingang do Paraná. In: **Anais do 31º Congresso Internacional de Americanistas**. São Paulo. 1955.

The Diego Blood factor in Brazilian Indians. Separata de: **Nature**, v. 177, p. 41, jan. 1956. FERNANDES, J. L & JUNQUEIRA, P.C.; KALMUS, H. et al. P.T.C. thresholds, colour vision and blood factors of Brazilian Indians: Kaingangs. Separata de **Annals of Human Genetics**, v. 22, p. 16-21, 1957.

¹⁷ FERNANDES, José Loureiro. Notas para a Festa de S. Benedito - Congadas da Lapa. **I Congresso Brasileiro de Folclore**. IBECC. Rio de Janeiro, 1951.

¹⁸ FERNANDES, Loureiro José. Sobrevivências de tecnologia arcaica portuguesa nas prensas de mandioca brasileiras. **Etnologia nº 1**. Departamento de Antropologia. FFCL da Universidade do Paraná. Curitiba, 1964.



Figura 2. José Loureiro Fernandes, padre Jesus Moure e equipe partindo para pesquisas de campo na década de 1950 (Acervo: Círculo de Estudos Bandeirantes).



Figura 3. José Loureiro Fernandes coletando amostras de sangue de um índio kaingáng do Posto Indígena Fioravante Esperança, Palmas - 1939 (Acervo: Museu Paranaense).



Figura 4. José Loureiro Fernandes e as antropólogas Maria Júlia Pourchet e Eny Maranhão, em pesquisas de campo entre os índios Kaingáng. Palmas, 1955 (Acervo: Círculo de Estudos Bandeirantes).

de origem tcheca, funcionário contratado pelo Instituto de Pesquisas da FFCL e responsável pela seção de audiovisual do Museu Paranaense. Além de cineasta e fotógrafo, Vladimír Kozák era também artista plástico, tendo documentado os índios xetá em aquarelas e *crayons*. Parte de seu trabalho constitui importante acervo etnográfico de vários museus, entre os quais o Museu Paranaense (WESTPHALEN, 1988).

Em suas pesquisas, muitas vezes Loureiro Fernandes contou com a participação de especialistas estrangeiros do Museu do Homem de Paris e da Academia de Ciências de Praga, nas áreas de colaboração de amigos e correspondentes, os antropólogos Paul Rivet (Museu do Homem de Paris), Jorge Dias (Universidade de Coimbra) e Herbert Baldus (Museu Paulista) e do primeiro diretor do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rodrigo Mello Franco de Andrade (GARCIA, 2000; FURTADO, 1999).

A arqueologia foi outra área a que Loureiro Fernandes se dedicou. A criação do CEPA - Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, além do Museu de Arqueologia e Artes Populares, em Paranaguá, constituem exemplos dessa dedicação. Resultado de sua atuação nessa área também é o surgimento do PRONAPA - Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, um convênio entre o Smithsonian Intitution

e o CNPq, com o objetivo de estabelecer uma padronização metodológica nas pesquisas arqueológicas brasileiras (CHMYZ, 2000; SOUZA, 1991).

Com seu trabalho pioneiro, José Loureiro Fernandes foi o grande incentivador dos estudos de arqueologia, etnologia indígena e cultura popular no Paraná. A etnologia indígena foi uma das áreas em que mais se destacou. Seu trabalho entre o grupo indígena Xetá alcançou grande repercussão na antropologia, não só brasileira como também internacional (Fig. 5). Se no contexto regional é considerado o pai e

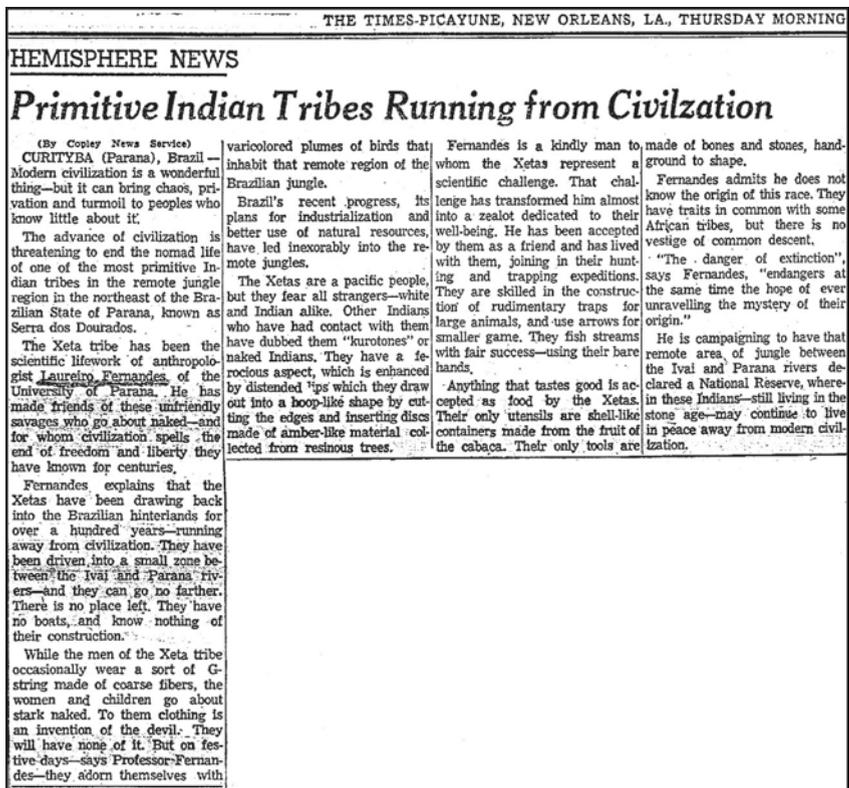


Figura 5. Artigo do jornal *The Times- Picayune, New Orleans* (Acervo: *Círculo de Estudos Bandeirantes*).

fundador da antropologia paranaense e responsável pela formação de toda uma geração de antropólogos, no cenário nacional Loureiro Fernandes foi reconhecido pelo seu trabalho, tendo sido eleito, em 1958, presidente da Associação Brasileira de Antropologia - ABA (CORRÊA, 1988; 2003).

Na minha trajetória pessoal, como aluna dos cursos de especialização e mestrado em antropologia social da UFPR, tive aulas com ex-alunos de Loureiro Fernandes. No Museu Paranaense, como responsável pelo Departamento de Antropologia, me deparo a todo momento com as marcas de seu trabalho pioneiro, quer seja no acervo de etnologia indígena, na documentação fotográfica e cinematográfica, nos relatórios e publicações do Museu Paranaense.

Ao prestar homenagem ao professor José Loureiro Fernandes em seu centenário de nascimento, pretendi com este artigo discutir sua importância inserindo o Paraná em uma discussão mais ampla sobre a História da Antropologia Brasileira.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. **A Fabricação do Imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco. 1996.

BALDUS, Herbert. **Bibliografia crítica da Etnologia Brasileira**. Homenagem ao 31º Congresso Internacional de Americanistas. São Paulo. 1954.

CHMYZ, Igor. José Loureiro Fernandes e a Arqueologia Brasileira. In: GARCIA, Antonio. **Loureiro Fernandes: médico e cientista**. Curitiba: Vozes. 2000, p. 108-170.

CORRÊA, Mariza. Traficantes do Excêntrico: os antropólogos no Brasil dos anos 30 aos anos 60. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 3, n. 6. 1988.

_____. A Antropologia no Brasil (1960-1980). In: MICELI, Sergio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. v. 2. São Paulo: Vértice/IDESP. 2001.

_____. **As Reuniões brasileiras de antropologia: cinquenta anos (1953-2003)**. Brasília, DF: ABA. 2003.

FARIA, Castro. **Antropologia: escritos exumados, espaços circunscritos, tempos soltos**. Niterói: EDUFF. 1998.

FERNANDES, José Loureiro; NUNES, Marília Duarte. **Oitenta anos de vida do Museu Paranaense**. Edição Comemorativa ao 80º

aniversário de fundação do Museu Paranaense. Curitiba: Museu Paranaense. 1956.

FERNANDES, Florestan. **Investigação etnológica no Brasil e outros ensaios**. Petrópolis: Vozes. 1975.

FURTADO, Maria Regina. José Loureiro Fernandes “e as possibilidades de pesquisas e o exercício das atividades técnico-profissionais”. **Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes**. Curitiba, n. 13, p. 53-125, 1999.

GARCIA, Antonio. **Dr. Loureiro Fernandes: médico e cientista**. Curitiba: Vozes. 2000.

HOBBSAWN, Eric. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1984.

KERSTEN, Márcia. **Os Rituais de Tombamento e a escrita da história**. Curitiba: Ed. UFPR. 2000.

LEÃO, Agostinho Ermelino. **Guia do Museu Paranaense**. Curitiba. 1900.

LIMA, Antonio Carlos. Os museus de história natural e a construção do indigenismo: notas para uma sociologia das relações entre campo intelectual e campo político no Brasil. In: **Comunicação 13**. Programa de pós-graduação do Museu Nacional. Rio de Janeiro. 1989.

MARTINS, Romário. **Boletim do Museu Paranaense**. Curitiba, n. 1, p. 1-35. 1904.

MENEZES, Maria José. Apresentação: José Loureiro Fernandes 1903-1977. In: Homenagem ao Prof. José Loureiro Fernandes, 1903-1977. **Cadernos do Museu de Arqueologia e Artes Populares**. Número especial, p. 3-9, Paranaguá: MAAP. 1977.

MICELI, Sérgio. Por uma Sociologia das Ciências Sociais. In: (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. v. 1. São Paulo: Vértice/IDESP. 1989, v. v. 1, p.

PEIRANO, Mariza. **The Anthropology of Anthropology: The Brazilian Case**. Cambridge: Harvard University. 1981.

_____ **Uma antropologia no plural: três experiências contemporâneas.** Brasília, DF: Universidade de Brasília. 1992.

_____ Antropologia no Brasil: alteridade contextualizada. In MICELI, Sergio (org.). **O que ler na ciência social brasileira (1970-1995).** Antropologia. v. 1. São Paulo: Sumaré. 1999.

PEIXOTO, Fernanda. Franceses e Norte-americanos nas Ciências Sociais Brasileiras (1930-1960). In: MICELI, Sergio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil.** v. 1. São Paulo: Vértice/IDESP. 2001.

PEREIRA, Luis Fernando Lopes. **Paranismo:** cultura e imaginário do Paraná da I república. Dissertação de Mestrado em História. UFPR, Curitiba. 1996. Dissertação (mestrado em História). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças:** cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras. 1993.

_____ O Nascimento dos Museus Brasileiros (1870-1910). In: MICELI, Sergio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil.** v. 1. São Paulo: Vértice/IDESP. 2001.

SOUZA, Alfredo Mendonça. História da Arqueologia Brasileira. In: **Pesquisas.** Antropologia. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas. n. 46. 1991.

STOCKING, George (org.) History of anthropology: whence/whither, in **Observers Observed. Essays on ethnographic fieldwork.** v. 3. Madison: University of Wisconsin Press. 1983.

WESTPHALEN, Cecília Maria. **Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná - 50 anos.** Curitiba: SBPH-PR. 1988.

